

A COMPANHIA DAS ÁGUAS ¹ uma *história* da história das origens da filosofia

«Permitam-me que lhes conte uma história. As histórias são um dos recursos a que os filósofos recorrem, quando temem aborrecer os seus ouvintes com um modo de falar demasiado abstracto e conceptual»².

1. Água-de-colónia – A água está indissolúvelmente ligada às origens da filosofia. Aliás, o chamado *espírito grego* é, certamente e em larga medida, o resultado desta proximidade da água.

O mundo grego original é um espaço de duas frentes viradas para o mar: o Mediterrâneo e o Egeu. Este mar irá constituir, desde o início, uma tentação e um destino. O cruzamento destas duas vertigens encontra a sua primeira expressão nos Poemas Homéricos. Mais tarde, esta *transversal trágica* constituirá um precioso fundo temático à elaboração poético-filosófica dos grandes tragediógrafos da época clássica³.

Os Poemas Homéricos sugerem um conflito de interesses e desejos: o desejo de ficar e a absoluta necessidade de partir; o desejo de voltar e a irremediável curiosidade de descobrir. Esta encruzilhada do ir, ficar e voltar é atravessada por um traço permanente de espanto, dor e sofrimento, ingredientes, aliás, de todo o *filosofar*.

¹ O texto que agora se publica, serviu de base à palestra proferida, a convite do Departamento de Cultura, da Câmara Municipal do Porto, no "Forum da Água", realizado na Biblioteca Almeida Garrett, em 22 de Março de 2001.

² Hans-Georg Gadamer, *O Mistério da Saúde*, trad. A. Hall, Lisboa, 1997, p. 116.

³ O pensamento grego fala-nos de um combate titânico entre duas vertigens: civilidade e barbárie; contensão (*sophrosyne*) e desmesura (*hybris*); pudor (*aidos*) e ignomínia (*aischros*); fidelidade (*pistis*) e impiedade (*asebeia*); justiça (*dike*) e injustiça (*adikia*). Trata-se de um combate (*agon*) que parte do divino até ao que há de mais fundo em cada homem. Trata-se, enfim, da emergência do espírito *agónico*, caracteristicamente grego, entre ordem (*cosmos*) e desordem (*akosmia*), e da percepção, absolutamente decisiva, de que o triunfo da primeira sobre a segunda radica numa *paideia*, no ensino e na prática da excelência dos valores éticos que conferem a "virtude" (*arete*) e fazem do homem *alguém* de rosto autenticamente humano. Em última análise, trata-se de (im)pôr *vínculo*, onde tudo é conflito e diferença. Um grego subscreveria Jankélévitch quando afirma que, «Sem fidelidade só teríamos virtudes protozoárias» (*Traité des vertus*, Paris, 1986, p. 444), ou Goethe, «Quando sou forçado a deixar de ser moral, perco toda a autoridade» (*Máximas e Reflexões*, Lisboa, 2000, p. 268).

Assim, o mundo grego é um *mundo*, porque, olhando para o mapa, há gregos até onde o mar pode ir... Para oriente, as colônias de Mileto, de Éfeso, de Samos... Mais a norte, Clazómenas, Estagira... Mais a sul, Naucrátis, no Egípto... Para ocidente, Agrigento, Eleia, Metaponto. Em muitas destas colônias, floresceu essa forma impertinente de olhar, questionar, falar e pensar a que os gregos chamaram, à falta de melhor, “filosofia”⁴.

2. Água-natural – A patente da água não pertence, obviamente, aos primeiros filósofos. Ela é um elemento proeminente em anteriores narrativas das origens. Agora, o que não se lhes pode retirar é o mérito de terem sido os primeiros a ensaiarem um *tratamento das águas* absolutamente inédito.

Tentou-se passar a mensagem de que a ruptura entre narrativa mítica e discurso filosófico se havia dado assim, sem mais, num misterioso *click de ideia*: um dia, Tales, deambulando pelo porto de Mileto e olhando a imensidão do Egeu, deteve-se por um momento, reflectiu profundamente e disse: «**”Achei!”**! A chave da origem de todas as coisas não é o *mythos*, é o *logos*! ÁGUA, H-2-O». Ou seja, é como se ele tivesse sido, subitamente, objecto de uma revelação sem precedentes, transpondo as fronteiras da *longa noite mítica* para aceder à intensa luminosidade do *logos*. «Milagre! Milagre!», logo se apressaram alguns a sentenciar. E foi essa a ideia que perpassou ao longo de décadas de história da filosofia.

Mas, terá sido assim? Provavelmente não foi. Aliás, com este quadro, não se avançava muito mais: trocava-se um mistério por outro mistério. E, se a filosofia é, pelo menos nas suas origens, *filosofia*, é porque ousou desafiar o mistério, ainda que, por vezes, se visse mergulhada noutros enigmas.

As origens da filosofia não têm nada a ver com revelação ou iluminação, mas com decisão, pergunta, insistência, consciência de alternativa, problema, escolha, liberdade⁵. Ou seja, a filosofia aparece envolta num certo dramatismo porque é o lugar de um des-enlace, de uma des-ordem, de um desprendimento, de um golpe no âmago do *mito dado*. Um conjunto de circunstâncias favoráveis terão evitado, aliás, que esses homens tivessem sido *detidos para averiguações*... A saber: não viviam em Atenas, mas em Mileto; poucos terão dado por eles; ninguém sabia, porque os próprios também não

⁴ É célebre a parábola atribuída a Pitágoras, por Diógenes Laércio (VIII, 8), onde a dado passo se diz que, *A Vida é como um festival; tal como, uns vêm para competir, outros para negociar e os melhores para observar, também na vida os homens servis vão à procura de fama ou de lucro, e os filósofos (philosophoi) da verdade (aletheias)*.

⁵ Segundo Marcel Conche, « (...) *Telle est la liberté grecque (...): liberté à l'égard de toutes les idées reçues, des influences, des causes, et dont l'essence n'est aucunement le libre arbitre, mais la disponibilité et l'ouverture pour l'accueil du vrai. Cette liberté est nécessairement celle d'un homme seul, jugeant par lui-même. En même temps que la philosophie naît le philosophe (...)*». *Anaximandre: Fragments et Témoignages*, Paris, 1991, pp. 10-11.

sabiam, que eram os responsáveis pela futura proliferação de uma devastadora espécie daninha, o *philo-sophos*⁶.

Toda a subversão está na questão formulada pelos *três de Mileto*, a qual anuncia já o sentido da resposta: qual é o elemento material, concreto, palpável que está na origem do mundo? Que *matéria* persiste e se conserva para além da mudança? E ainda: de que materiais é o mundo feito? E mais: que processos, que *mecânica* preside à alternância dos elementos materiais constitutivos do mundo?

Tales *lança a água*, Anaximandro *avança* com o *apeiron* e Anaxímenes *consolida posições* com o *aer*. Acto heróico e fundador e de consequências imprevisíveis, este de procurar na natureza os elementos naturais que estão na sua origem, recusando qualquer concessão ao sobre-natural⁷. Eles parecem ter a nítida consciência de que partem para uma aventura, cujos resultados não podem antecipar. E podemos imaginar a tensão psicológica que essa determinação do espírito envolve: o mito *não tem razão*. Mas, não chega. Para que fique claro que o mito *não tem razão* é necessário opor-lhe uma outra *razão de ser*, isto é, um discurso, um *logos* que estabeleça e *mostre* como as coisas se relacionam de uma forma elementar, palpável, *limpa-límpida-como-a-água*⁸.

Mas, quem, de entre eles, poderia dizer «deste mito não beberei»? À primeira vista, nenhum. É nesse sentido que eminentes eruditos nos dizem que alguns recidivaram⁹. Mas, na verdade, ainda que contaminados pela história exemplar, eles trabalharam uma *ideia* como se essa tal história nunca tivesse existido¹⁰. Assim, bem vistas as coisas, não se poderá afirmar, peremptoriamente, que eles cederam ao flanco sagrado do mito.

⁶ O aparecimento da Filosofia é indissociável do tempo, do lugar e do processo. A Filosofia irrompe num *admirável mundo novo*. Mundo povoado por gregos-novos, que cruzam fronteiras e informação proveniente das mais variadas fontes. São homens *naturalmente-livres*: da tradição, da história e de... Atenas. Quando a Filosofia aí chegar, dar-se-á conta de que nem sempre se pode dizer tudo aquilo que se *pensa*... Saliente-se, a este propósito, a curiosa opinião de Ortega y Gasset: a) 'ciência e filosofia foram, na sua origem, uma aventura colonial'; b) 'Atenas tardará dois séculos para ter um filósofo indígena e nunca terá muitos'; c) 'sempre que se fala em filosofia pensa-se em Atenas, mas a realidade indica o contrário e convida a perguntar se Atenas não foi, sobretudo, um estorvo para a filosofia tendo em conta o seu tenaz reacionarismo'. *Origen y epílogo de la filosofía*, Buenos Aires, 1960, p. 99.

⁷ F. Cornford, ainda que bastante crítico relativamente às teses *positivistas*, defende que os Milésios transformaram « (...) a criação do mundo de acontecimento sobrenatural em acontecimento natural. Foi graças aos Jónios e a mais ninguém que isto se tornou a premissa universal de toda a ciência moderna (...)». *Principium Sapientiae. As Origens do Pensamento Filosófico Grego*, trad., M. M. Rocheta dos Santos, Lisboa, 1975, p. 306.

⁸ Hans-Georg Gadamer diz que, « (...) C'est (...) en ce sens que l'on peut parler du début (Beginn) correspondant à l'entrée en scène des Présocratiques. Il y a chez eux une quête qui n'est liée à aucun savoir portant sur le destin final, sur le but d'un parcours riche en possibilités. C'est une surprise de découvrir que se révèle en ce commencement la dimension la plus importante de la pensée humaine (...) ». *Au Commencement de la Philosophie. Pour une Lecture des Présocratiques*, trad. Pierre Fruchon, Paris, 2001, p. 23.

⁹ Vide, v. g., a interpretação do pensamento de Anaximandro, proposta por F. M. Cornford, op. cit., pp. 257-305.

¹⁰ Ainda que a não subscrevamos integralmente, trata-se, em larga medida, da interpretação defendida, v. g., por John Burnet, *Early Greek Philosophy*, London, 1930.

3. O cântaro da vida – De facto, o que Tales diz é o seguinte: «*a origem de todas as coisas é a água*»¹¹ e «*a terra flutua na água*»¹².

Relacionar a terceira afirmação, «*tudo está cheio de deuses*»¹³, com as duas primeiras, e extrair daí uma concessão ao sagrado, deriva da conjectura. Plausível, obviamente, mas conjectura¹⁴. Permita-se-nos, então, *conjecturar*, com Aristóteles por perto...

Tales sabia dos ciclos do Nilo. E conjectura: «Ora, aqui está um caso paradigmático!». Relaciona e infere: «O mundo, a vida e todas as coisas emergem da água. E esta, em última análise, de uma forma mais visível ou menos visível, continua presente, como que um sopro hídrico de vida». Em rigor, não se pode afirmar, com base numa única passagem, que o Milésio tenha atribuído um carácter sagrado ao seu *elemento*. Trata-se, claramente, e em sentido figurado, de um *radical livre*, isto é, de um elemento material livre de qualquer componente mistérica ou subjectiva.

4. O separador de águas – A Anaximandro, seu colega, ou discípulo, ou amigo, ou nenhum dos três¹⁵, pareceu-lhe, num primeiro momento, uma ideia ousada, até mesmo impertinente. Afinal, a *razão* sempre tinha assistido ao mito...

Mas, uma vez que ele, tal como Tales, era um *curioso*, sempre aberto às *novas correntes*, não resistiu a debruçar-se sobre o assunto. «Caro Tales, reflecti muito sobre a tua *ideia*. Numa primeira análise, achei-a chocante, numa segunda análise, pareceu-me inexequível e, numa terceira análise, cheguei às seguintes conclusões: é chocante, é inexequível mas, o seu fundo substantivo é brilhante! Agora, para dar visibilidade a esse brilhantismo, é necessário introduzir-lhe algumas alterações».

«Andei dias e dias, lá baixo, de um lado para o outro, junto ao Egeu. Olhava e perguntava-me: se antes tudo era água, por que razão (carga d'água?), num determinado momento, havia deixar de ser água? A água reconsiderou? Abriu mão do poder que detinha? Recuou e decidiu partilhá-lo com os outros elementos? Porquê? A água é água, nada mais do que água! Elemento radicalmente material e concreto! A água não pensa nem se compraz!»

¹¹ Aristóteles, *Met.*, A 3, 983 b 6.

¹² Aristóteles, *de caelo*, B 13, 294 a 28.

¹³ Aristóteles, *de an.*, A 5, 411 a 7.

¹⁴ Conjectura que continua a reunir um maior número de adeptos. Assim, recentemente, André Motté, no colóquio *La Grèce pour penser l'avenir*, defende que, « (...) *Si le penseur ionien a pu dire que "tout est plein de dieux", c'est sans doute parce que cette eau primordiale, qui est sous-jacente à toutes les choses et qui les meut, est elle-même divine (...)* ». Ainda que, mais adiante, se interroge: « (...) *Se pourrait-il qu'en dépit de cette appréhension religieuse de la nature qui persiste chez eux (Homero, Hesíodo, Heraclito...), les premiers "physiciens" de Milet se soient déjà affranchis d'une telle conception? Ce n'est pas impossible, mais les rares témoignages biographiques sont muets sur ce sujet (...)* ». «De l'idée de la nature dans la Grèce antique», Paris, 2000, pp. 75-76 e 77.

¹⁵ A figura do *colega* ou *discípulo* pressupõe a existência de *Escola*, coisa que, parece, nunca existiu.

«A solução é introduzir um 5º elemento, cuja característica essencial é não ser terra, nem fogo, nem ar, nem água. Trata-se, igualmente, de qualquer coisa material e concreta, não participando, todavia, no jogo dos elementos. Arbitra e controla os caudais d'água, as porções de terra, as emissões de ar, os incêndios do fogo».

«Dir-me-ás: *que “coisa” estranha essa que tu propões: sem “ritmo”, sem limite, sem contorno, sem con-figuração...* E dizes bem, ó Tales, sem “ritmo”, sem limite, sem contorno, sem con-figuração... Não concordo, todavia, quando empregas “estranho”, insinuando “menos credível”. É que, o que confere toda a credibilidade à minha alternativa é, precisamente, a introdução desse elemento imenso, ilimitado, que resiste a fazer-figura. Olha, se lhe chames *Ἄ-πειρος*, andarás perto do que pretendo»¹⁶.

«Mas, repito: a tua ideia é admirável e, longe de mim, subalternizar o papel da água! Aconselho-te até a leres o meu último papiro sobre a origem dos seres vivos, onde atribuo um papel decisivo ao *teu* elemento».

5. “...por-entre-as-brumas-da-memória...” – A Anaxímenes, colega, ou discípulo, ou amigo, ou nenhum dos três, de Anaximandro¹⁷, pareceu-lhe que este tivera uma ideia arrojada, melhor, perigosamente ex-cêntrica. Perigosamente excêntrica na medida em que, uma vez que o mito ainda fervilhava de sentido e a correlação de forças se mantinha, por enquanto, desfavorável à *filosofia*, poderia sugerir uma descompressão sobre o núcleo natural instituído. Assim, revelava-se necessário continuar com o *processo filosófico em curso*, sem quaisquer concessões à *reação mítica*, encontrando, todavia, uma solução de compromisso entre as propostas anteriormente elaboradas.

De uma maneira geral, as luzes incidem sobre Tales, que foi o primeiro dos primeiros, e sobre Anaximandro, que manifesta uma intuição absolutamente genial¹⁸. Assim, todo o trabalho de Anaxímenes, de consolidação e ampliação do *projecto filosófico*, surge, implicitamente, afectado de um menor brilho.

¹⁶ Note-se que Aristóteles aduzira dois motivos. Vide *Phys.*, 4, 203b, 15; *Phys.*, 5, 204b 22. Enquanto, a razão proposta em *Phys.*, 4, 203b, 15, fere a coerência global da *ideia* de Anaximandro, a justificação avançada em *Phys.*, 5, 204b 22, sublinha essa mesma coerência. Ou seja, nesta passagem, Aristóteles apresenta aquela que é, do nosso ponto de vista, a verdadeira razão de Anaximandro e que, sinteticamente, poderia ser expressa do seguinte modo: os quatro elementos opõem-se entre si; se um deles funcionasse como substância originária, exerceria de tal forma a sua *μοναρχία*, que não só inviabilizaria a emergência de qualquer outro, como, caso esta se verificasse, destruí-lo-ia. Entretanto, segundo Marcel Conche, Anaximandro elege o *apeiron*, entre outras razões, porque « (...) *l'Eau de Thalès, l'Air de Anaximène ne sont pas des étants comme les autres, et, dès lors, ne sont pas, à proprement parler, des étants: ce sont plutôt, pourrait-on dire, des métaphores de l'Indéterminé, et c'est pourquoi Anaximandre a préféré, sans métaphore, nommer celui-ci (...)* ». Op. cit., p. 234, n. 4.

¹⁷ Vide n.15.

¹⁸ Guthrie sublinha, claramente, essa genialidade « (...) *Nothing shows more clearly the independent quality of Anaximander's mind, and, as we shall see, the advance was too rapid for some of his successors (...)*». *A History of Greek Philosophy*, Cambridge, 1962, pp. 99-100.

Ora, há aqui uma certa injustiça. Hoje, a esta distância, ficamos naturalmente deslumbrados perante o salto especulativo de Anaximandro. Mas, ao contrário de nós, Anaxímenes não tem distância nenhuma relativamente a Anaximandro. Com toda a certeza que ele compreendeu bem a *ideia* do seu *colega*; mais, provavelmente, subscrevê-la-ia. Mas, Anaxímenes apercebe-se de que está perante um génio antecipativo e que, nessa circunstância, corria-se o risco de cair na tentação de *começar a correr antes de poder caminhar*¹⁹. Ou seja, há que admitir que ele, em nome dos superiores interesses do *projecto filosófico*, acabado de lançar, ensaiasse um subtil recuo para assegurar um avanço, sem concessões, sobre as bolsas de resistência mítica, ainda existentes²⁰.

Assim, repõe a terra, o fogo, o ar e a água como o núcleo elementar de base à formação do mundo. Ora, a subtileza de Anaxímenes encontra-se, também, na subtileza do elemento que ele promove à dignidade de *arche*: o *ar*. Para ele, o *ar* é, de entre todos os elementos, o mais dúctil e polivalente. Do seu ponto de vista, ocupa uma posição intermédia entre o *raro* e o *denso*, o *leve* e o *pesado*. Trata-se de um material imenso e de grande plasticidade. Em simultâneo, pode tomar diferentes direcções e assumir formas diversas. Para *cima*, no sentido do *leve* e do *quente*, para *baixo*, no sentido do *pesado* e do *frio*.

Assim, para Anaxímenes, o mundo surgiu de um lento acordar e espreguiçar do ar, após um sono longo e profundo. Podemos imaginar esse tempo pré-cosmogónico como um mergulho numa imensidão inóspita de bruma, onde nada se distingue, onde tudo se esquece onde tudo se cala. Esse silêncio é quebrado, num determinado momento, por um batimento constante e ritmado: é o *ar* no seu lento despertar...

6. Água-ardente – Mais acima, não muito longe dali, concretamente em Éfeso, vivia um homem muito estranho. Era, tal como os *três de Mileto*, um *curioso*, um *congemizador*, um *conspirador*... Os conterrâneos chamavam-lhe Heraclito, o *obscuro*. Eu chamar-lhe-ia o *iracundo*.

Dado pouco ao convívio, raramente saía e pouco falava. E quando falava, percebiam pouco o que dizia. Aliás, a sua saúde não lhe permitia grandes extravagâncias. Padecia de hidropisia, excessiva acumulação de água no organismo, enfermidade, aliás, que viria a revelar-se fatal. Era um homem

¹⁹ É nessa linha que se enquadra a afirmação de J. Burnet, segundo a qual, « (...) *The cosmology of Anaximenes was reactionary in many ways. It was felt, no doubt, that Anaximander had gone too far, though we shall see that his audacities contained the promise of the future* (...) ». *Thales to Plato*, London, 1960, p. 25.

²⁰ Segundo Cyril Bailey, « (...) *It seems at first sight a retrogression that after the singular insight of Anaximander Anaximenes should have gone back to the idea that primary substance was one of the things known to experience and selected 'air'. But an examination of this theory shows that it was really and advance on Thales and even on Anaximander himself* (...) ». *The Greek Atomists and Epicurus*, Oxford, 1928, p. 17.

sem paciência para os jogos de paciências, que faziam as delícias de uma elite intelectual por quem ele nutria um desprezo absoluto²¹. Estava certo de nada aprender ouvindo os outros falar. Olhava para eles e via um enorme vazio. Não olhando para eles, *via* uma *coisa* a que ele chamava *logos*.

Perguntar-se-á: o que é *logos*? Bem, não é imediatamente água, mas que tem um fundo d'água tem! Concretamente: o *logos* identifica-se directamente com o *fogo*. Mas, trata-se de um *fogo filantrópico*, iluminado por uma inteligência universal, que gosta do mundo e está pronto a morrer por ele. O *fogo* contém-se na sua chama devoradora e quando há uma porção de água que se incendia, ele apaga-se, deixando-se embeber pela água, de modo a manter o equilíbrio entre os elementos, ou seja, uma parte dele extingue-se em nome do *cosmos*, isto é da harmonia, do equilíbrio, da ordem.

Ele foi o primeiro a enunciar a tensão fecundante entre ordem e desordem, concretamente, uma desordem *bem medida* é a condição absolutamente necessária à existência de qualquer ordem. É do inferno dos elementos que jorra o nosso mundo, o melhor dos possíveis. Água que sufoca o fogo, fogo que queima a água, água que inunda a terra, terra que seca a água. Em última análise, água que mata a sede ao fogo e fogo que acalenta a água.

7. Água-corrente – Conta-se, que um dia, olhando para as águas do céu ou dos rios, disse: *ninguém se banha duas vezes nas águas do mesmo rio, pois estas sendo as mesmas, são sempre outras*²². Segundo a interpretação tradicional, a passagem pretende significar que os elementos se encontram num devir constante. E está certo, atendendo ao que anteriormente se disse. Mas, atendendo ao que anteriormente se disse, está igualmente implícita a ideia de que os elementos estão constantemente a trocar de configuração. Ou seja, a terra, o fogo, o ar e a água são os diferentes ângulos através dos quais o *logos* se *mostra*.

Geralmente, defende-se que qualquer interpretação da máxima não se deve afastar desta matriz eminentemente *fisicista*. A visão cosmo-cêntrica dos “pré-socráticos” não confere ainda, diz-se, um lugar de destaque ao homem. Assim, aquela asserção contemplaria, essencialmente, a vertente elementar das *águas*, de preferência ao carácter efêmero daqueles que nelas penetram. É possível.

Mas, não será possível que, para além desse traço *materialista*, esteja igualmente implícita uma forte alusão à vida, à *nossa vida*? Então, a metáfora do rio poderia ser entendida assim: o que nos diferencia dos elementos, que são eternos, é a nossa condição de seres *efêmeros*²³. A nossa imortalidade só

²¹ Poetas, filósofos, médicos, políticos... Vide, v. g., DK 22 A 1.

²² Trata-se, obviamente, de uma adaptação da notícia dada por Platão e por Aristóteles. Vide, *Crátilo*, 402a; *Phys.*, θ 3, 253 b 9.

²³ Ἐφήμερος significa *o ser de um dia*.

é defensável no sentido em que somos um complexo composto desses elementos e que, com a nossa morte, a eles nos juntaremos.

Mas, a vida, *a nossa vida*, é irrepetível. É um primeiro e último *banho* nas *águas-vivas* do mesmo rio. Atrás de nós, outros se perfilam, aguardando a sua vez.

Esta metáfora será retomada, mais tarde, por Antifonte, o *filósofo*, pensador *profundo* e *escritor* de um elevado nível literário.

Há duas passagens que merecem ser aqui invocadas. Na primeira ele diz: *a vida é um dado que se lança. Não se pode voltar atrás*²⁴. E, na segunda, como resultado da primeira, conclui: *viver assemelha-se a uma efêmera vigília e a duração da vida a um só dia. Depois de erguermos o olhar para a luz, cedemos o lugar aos outros que tomarão a nossa vez*²⁵.

A ideia que está aqui presente, e que mais tarde será retomada por grandes pensadores, como Heidegger, Morente ou Savater, é a mesma: *a minha vida* é um acontecimento irrepetível. Ainda que nada tenha feito para isso, *vivo*. Viver é “o que fazer”, ainda que “o que fazer” se reduza a *uma efêmera vigília*.

Esta é, aliás, a perspectiva que caracteriza o pensamento *profundo* dos gregos. A vida na morte não é vida. Para os que aí habitam – figurantes em *valsa lenta*, sem papel nem memória – é um lugar sem cantos, um tempo sem horas, uma luz sem brilho, fria, muito fria...²⁶.

Ao contrário, a forma *calorosa* e *efusiva* como Sócrates aguarda pela *hora da morte*, *arrepi(-me)*. Mas isso deve-se, certamente, ao facto de *o filósofo* Sócrates saber que *filosofar é aprender a morrer*²⁷, enquanto eu, aprendiz de filósofo reincidente, suspeito, apenas, que *filosofar* será, talvez, aprender a viver... *menos mal*.

Dou-me conta, entretanto, de que o tema era a *água*, a origem de todas as coisas, e, como que numa estranha vertigem, corri, talvez depressa demais, para o *fim*... “É a vida!” ...

²⁴ DK 87 B52.

²⁵ DK 87 B50.

²⁶ Orfeu e Ulisses foram os testemunhos vivos dessa dimensão sinistra, constrangedora e irreversível. Vide, v.g., *Il.*, C. IX, ou o diálogo, no Hades, entre Aquiles e Ulisses, *Il.*, C. XI, 482-491.

²⁷ A dado passo do *Fédon* (80e, 81a), Sócrates afirma que, « (...) significa isto outra coisa senão que praticava a filosofia no seu recto sentido, treinando-se de verdade em morrer sem esforço? Ou não será isto um exercitar-se em morrer? (...) ». Vide, no mesmo sentido, v. g., 66b; 67d. Esta passagem sugere a F. Savater o seguinte comentário: « (...) É a consciência da morte que torna a vida um assunto muito sério para cada um, algo que deve ser pensado. Algo misterioso e terrível, uma espécie de milagre extraordinário pelo qual devemos lutar, a favor do qual temos que nos esforçar e reflectir (...) ». *As Perguntas da Vida*, trad. M. A. Pedrosa, Lisboa, 2000, p. 32.

RESUMO

A COMPANHIA DAS ÁGUAS *uma história da história das origens da filosofia*

Trata-se de um *apontamento*, meramente conjectural, que se centra, exclusivamente, no estatuto da *água* nas origens da filosofia grega. Os chamados *pré-socráticos* surgem, naturalmente, como uma referência obrigatória, havendo que salientar, neste contexto, o papel dos Milésios.

Uma vez que os testemunhos e fragmentos escasseiam, há que avançar, ainda que prudentemente, com a conjectura. Assim, melhor do que uma leitura, o que agora se apresenta são tópicos para uma leitura possível. Mas, uma vez que se trata de um terreno em ruínas, uma leitura é um *sítio* entre outros eventualmente submersos.

RESUME

LA COMPAGNIE DES EAUX *une histoire de l'histoire des origines de la philosophie*

Il s'agit d'une *annotation*, purement conjecturale, qui se centre, exclusivement, dans le statut de l'eau dans les origines de la philosophie grecque. Les surnommés *Pré-Socratiques* surgissent, naturellement, comme une référence obligatoire, en saillant, dans ce contexte, le rôle des philosophes de Milet.

Une fois que les témoignages et les fragments manquent, il faut avancer, quoique prudemment, avec la conjecture. De ce façon, mieux qu'une lecture, ce qu'on présente ici, ce sont des topiques pour une lecture possible. Mais, une fois qu'il s'agit d'un terrain en ruines, une lecture est un *site* entre autres éventuellement submergés.

ABSTRACT

THE COMPANY OF WATERS *a story about the history of the origins of philosophy*

This is a *note*, mere suggestion, which is centred, exclusively, on the water as the basis of Greek Philosophy. The so-called Pre-Socratic philosophers obviously appear as a crucial reference, the Milesians having an important role in this context.

Since statements and documents are rare, one must, although carefully, put a supposition forward. Thus, better than the actual reading, what is now to be presented are the topics for a possible reading. However, since we are treading on wrecked soil, a reading is but a *place* where other ones can also be hidden.

